

“Abrir-se ao Mundo”: Devir-Agir da Comunidade Quilombola do Matão no Contexto da Pandemia do SARS-CoV-2 nas Festividades do Dia da Consciência Negra em 2021

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.73.35>

Marco Antônio de Oliveira Tassarotto

Departamento de Comunicação Social, Faculdade Estadual do Piauí, Picos, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-6503-6475>

marcoantoniodoliveira@pcs.uespi.br

Resumo

O presente texto descreve as implicações da pandemia nas festividades de uma comunidade tradicional no interior do estado da Paraíba, Brasil. A comunidade quilombola do Matão realiza anualmente o dia da consciência negra, momento este partilhado com a presença de comunidades tradicionais vizinhas. Este espaço é permeado por um latente simbólico nomeado por “totem território quilombo” (Tassarotto, 2021), que, em tempos de isolamento social, encontrou sentidos no “aquilombar-se”, onde seus membros recolheram-se no “espaço mundo do quilombo”. A festividade analisada em 2021 transcorreu facilitada por um conjunto de ações: do projeto de letramento infantojuvenil *Escrelendo* e das oficinas do grupo de percussão e dança afro OloduMatão. A intervenção destes projetos mediou este encontro das crianças, mulheres, jovens, adultos e idosos em performances que serão descritas em três fases: uma primeira de descrição deste espaço geográfico/seus sujeitos; uma segunda de análise das ações do *Escrelendo* e do OloduMatão; e, a última, de análise dos registros imagéticos da festividade de 2021, disponíveis na internet. A referida análise pretende apresentar a riqueza deste simbólico capturado e rememorado por parte dos quilombolas que resistem às fragmentações do “tempo de turbilhão” da midiaticização (Braga et al, 2017; Fausto Neto & Sgorla, 2014; Rosa, 2016).

Palavras-Chave

feira da consci4ncia negra, comunidade quilombola, COVID-19, formas de resist4ncia

Introduo4o

O presente artigo pretende descrever as afetao4es da pandemia da SARS-CoV-2 nas festividades do dia da consci4ncia negra na comunidade quilombola do Mat4o, na cidade de Gurinh4m, localizada no Agreste paraibano no Brasil. O artigo parte da observa4o da festividade de 2021, 2 anos ap4s o processo de isolamento social, momento este em que a comunidade quilombola encontrou sentidos no "aquilombar-se" porque nos anos de 2020 e 2021 seus membros recolheram-se no "espa4o mundo do quilombo", n4o permitindo a entrada/reuni4o com pessoas de fora da comunidade.

O dia 20 de novembro faz mem4ria ao assassinato do l4der do maior quilombo do Brasil, Zumbi dos Palmares, na Serra da Barriga em Alagoas, marco este em que as comunidades quilombolas rememoram o quilombo como espa4o de resist4ncia contra as for4as do regime escravocrata. A festa de 2021, vivenciada em dezembro, foi poss4vel ap4s a publica4o de decreto estadual que autorizou a reuni4o de pessoas com duas ou mais doses da vacina contra a COVID-19, norma esta a ser exigida tanto para os quilombolas, como para os visitantes.

Figura 1

Os atravessamentos dos dispositivos interacionais na comunidade negra. O acoplamento do programa de inclus4o digital do Governo Eletr4nico de Servi4os de Atendimento ao Cidad4o com seus novos/outros endere4amentos no espa4o mundo (comunidade quilombola).
Cr4ditos. Marco Ant4nio de Oliveira Tassarotto



**Figura 2**

Os atravessamentos dos dispositivos interacionais na comunidade negra. O acoplamento do programa de inclusão digital do Governo Eletrônico de Serviços de Atendimento ao Cidadão com seus novos/outros endereçamentos no espaço mundo (comunidade quilombola).
Créditos. Marco Antônio de Oliveira Tessarotto.

As festividades do dia da consciência negra possuem especificidades que demandam uma descrição analítica dos processos que se articulam no tecido social da comunidade. Tais processos são compostos por uma teia complexa de elementos e disposições sociais, que vão das relações familiares e comunitárias aos aspectos de ordem cultural, a exemplo das vaquejadas, dos festejos juninos, dos casamentos e das confraternizações comunitárias que antecedem ao dia da consciência negra.

Quem Faz a Festa? Juventudes e Tecnologias em Disputas e Negociações

Neste tópico passamos a descrever as nuances que antecedem os festejos do dia da consciência negra. A comunidade quilombola do Matão é essencialmente composta por crianças e jovens, que passaram a ser atravessados pelos dispositivos interacionais, dispositivos onde este “ser negro/quilombola”, que está situado/territorializado no Agreste paraibano, é forjado nas tramas das redes sociais, de forma referencial, no meio Facebook.

As imagens (Figura 1 e Figura 2) apresentam estes jovens quilombolas e os modos pelos quais eles/as se descobrem no processo interacional, e destas negociações resultantes das interações observamos os desdobramentos dos vínculos do local (do espaço mundo) e do global, que se vão articulando em novas narrativas e movimentos, descritos em “idas e vindas” entre o território físico da comunidade (local do simbólico/mistério/totem) e o digital (dos jogos de disputa/fragmentações), do que pode ou não ser postado nas redes sociais.

A digitalização da comunidade quilombola teve início em 2014 com a implementação do programa de inclusão digital do Governo Eletrônico de Serviços de Atendimento ao Cidadão. O programa provê acesso à internet via satélite em locais remotos e isolados geograficamente. O ambiente digital e suas plataformas são constituídos por conteúdos geridos por programação e indexação informacional, cujos mecanismos são refinados por uma inteligência artificial compreensiva que direcionam os usuários para uma "tecnologia da alma" (Ferreira, 2016, 2021) e fortes vínculos de afetividade e intersubjetividade, tensionando estes jovens entre dois campos, o da cultura/tradição/necessidade de preservação das festividades e os ritos/ritmos do digital.

As Origens da Comunidade: Do Território Físico às Redes

A festividade do dia da consciência negra acontece anualmente na comunidade remanescente de quilombo do Matão, que se originou a partir dos descendentes de ex-escravos fugidos da Fazenda Mata Negro em meados do final do século XIX, quando, em 1875, estabeleceram-se seus primeiros habitantes em uma área de mata virgem e fechada entre os municípios de Gurinhém e Mogeiro, cidades situadas no Agreste paraibano, a 80 km da capital João Pessoa (Figura 3).

Conforme a tradição oral, os moradores do Matão têm sua origem a partir de três pessoas, Manoel Rufino, Antônio e Edwiges, fato este narrado em entrevistas com os moradores durante a elaboração do relatório técnico de identificação e delimitação que, posteriormente, foi analisado para elaboração do título de emissão da terra.

A história do município de Mogeiro (Paraíba) reconta a formação do quilombo e de seus habitantes: "em uma terra, situada nas fraldas da Serra do Matão, no município de Mogeiro, onde habitam aproximadamente 100 famílias, de negros, precedentes



Figura 3

Imagem de satélite da comunidade quilombola do Matão.

Nota. Imagem de satélite mais atual (14/02/2020) apresenta a organização espacial da comunidade quilombola do Matão, Gurinhém (Paraíba).

Créditos. Google Earth © 2021 Google, Maxar Technologies

da Fazenda dos João Ludovico de Melo Azedo, denominados Fazenda do Mata Negro” (Prefeitura Municipal de Mogeiro, como citada em Batista & Souza, 2013, p. 7).

A comunidade atualmente é composta por cerca de 48 famílias, constituídas, em média, por 180 pessoas que descendem de um único tronco familiar, “os Rufinos”, sobrenome do seu fundador, Manoel Rufino. A estrutura social e de posse da terra no Matão é coletiva desde sua fundação, como revelam as narrativas que destacam seu fundador Manoel Rufino, “sempre trabalhando, criando gado, plantando algodão, negociando, tornando-se personagem central” (Batista & Souza, 2018, p. 378).

A história do quilombo do Matão e sua luta por sobrevivência não é muito diferente das realidades vivenciadas pelos habitantes da região nordeste do Brasil. A migração para os grandes centros urbanos representa uma “melhoria nas condições de vida” (Batista & Souza, 2013, p. 9) e o trabalho na construção civil é uma solução encontrada por alguns jovens e adultos hábeis da comunidade. Essa forma de trabalho e permanência dos homens nos centros urbanos permite afirmar que a organização do quilombo do Matão é matriarcal, cabendo às mulheres tomar decisões na ausência dos homens no cotidiano da comunidade.

Percebemos que o trabalho é um fenômeno daqueles que trouxe uma profunda mudança nas interações sociais da comunidade, uma vez que retornados da ambiência urbana com suas dinâmicas, os choques culturais se tornavam cada vez mais latentes.

O conceito de “território” é aqui mobilizado para revelar um elemento de identidade destes grupos sociais, falando deste território como espaço de lutas e conquistas, que atuam afirmando identidades que se retroalimentam por profundas raízes mantidas pelos laços de solidariedade orgânica próprios destas comunidades tradicionais. Sobre esta forma de resistência, Maria Teisserenc e Pierre Teisserenc (2018) explicam que:

a organização desses antigos escravos em comunidades de fugitivos repousou na transformação de estratégias individuais de fuga numa estratégia coletiva que, em função das circunstâncias e do contexto, permitiu aos antigos escravos se protegerem coletiva e individualmente contra os riscos de denúncia ao se constituírem em comunidades e resistirem contra as pressões oriundas do exterior, de maneira a garantir a sua autossubsistência e, ao mesmo tempo, a desenvolver uma vida social específica, partilhando um destino comum. (p. 58)

Este “partilhar de destino comum” retrata uma das vertentes e lutas por reconhecimento destes sujeitos, revelando uma “complexificação dos lugares”, onde as redes digitais criaram outras ubiquações no território físico da comunidade. Se ontem, a cidade representava a ruptura com o território e o modo de vida tradicional, hoje, os quilombolas estão praticando suas “expectativas de cidade” em condições de presença no quilombo. A comunidade quilombola do Matão ao realizar anualmente, no mês de novembro, este encontro para festejar o dia da consciência negra, mobiliza em suas esferas interacionais os mesmos laços de pertença, seja entre os moradores da comunidade, seja com os visitantes presentes. O quilombo se converte em um espaço de acolhimento amplificado, onde a comunidade recebe o mundo (Figura 4).

Em nosso caso, descrever este jovem quilombola, que constrói identidades/*personas*, é analisar seu caminhar contra as antigas relações e lugares postos social e tradicionalmente, reafirmados por uma coletividade. Os festejos da comunidade quilombola nos permitem enxergar uma parcialidade das ações/interações que ocorrem naquele espaço, uma vez que algumas latências e funções sociais permanecem em modo off-line, sendo transmitidas oralmente e solucionadas entre seus membros.

Ao descrevermos esta complexidade de interrelações históricas e espaciais, vimos que as comunidades negras têm se organizado de diversas formas para serem reconhecidas na condição de povos tradicionais que almejam visibilidade, estratégia esta adotada para atrair o visitante a conhecê-los para além dos livros de história do Brasil e desmistificar onde estão e quem são estes sujeitos na atualidade. A comunidade quilombola do Matão faz parte de um conjunto de ações que são organizadas por coordenações e associações que objetivam valorizar o sentido da coletividade, “da garantia de reprodução social, de uma busca por justiça a partir das suas formas de existência e de redes de solidariedade” (Bargas & Cal, 2020, pp. 493–494).

Na Paraíba, as comunidades quilombolas estão articuladas às ações da Associação de Apoio às Comunidades Afrodescendentes, órgão deliberativo vinculado à Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. O papel da associação é o de localizar e identificar comunidades negras no estado da Paraíba, formalizar e apresentar à Fundação Palmares a autoidentificação da população quanto à condição de território remanescente de quilombo, prestando assistência e sinalizando perante os órgãos competentes, pleitos nas esferas federal, estadual e municipal, com vista ao direcionamento das políticas públicas de assistência social conforme previsto no ordenamento jurídico.



Figura 4
Público presente na festa da consciência negra no Matão.
Créditos. Marco Antônio de Oliveira Tessarotto.

Um segundo “braço” da Associação de Apoio às Comunidades Afrodescendentes é sua atuação no acompanhamento dos trâmites administrativos, informando a comunidade acerca dos apoios institucionais em andamento, bem como assistir as iniciativas de organizações não governamentais e de parceiros solidários às urgências das comunidades quilombolas. Essa entidade foi responsável, inicialmente, por prestar suporte ao grupo de dança afro OloduMatão existente na comunidade do Matão. Este grupo é responsável por retroalimentar o patrimônio simbólico e cultural desta juventude que organiza as festividades do dia da consciência negra.

O espaço do território quilombo atua reconstruindo os corpos dilacerados pelo digital porque a imagem do jovem quilombola que surge nas redes sociais é uma reelaboração, tentativa contra seu próprio apagamento. Nessas imagens “que vão e voltam cruzando tempos distintos, é que nos parece ser possível encontrar as (r)existências (...) são imagens que teimam em emergir, são rastros e restos coletivos” (Resende et al., 2019, p. 486), de suas coletividades, tradições e dos elos de conexão (festas).

Latências do “Totem Território Quilombo” em Tempos de Pandemia

Os tempos de isolamento social pela pandemia do COVID-19 impuseram igualmente à comunidade quilombola restrições de visitas e reuniões nos espaços comunitários, inclusive os ensaios do grupo de dança e de percussão afro OloduMatão, em largo período no ano de 2020. Entretanto, o trabalho do projeto de letramento infantil chamado *Escrelendo* adaptou meios de biossegurança e formas didáticas para continuar estimulando as crianças e adolescentes da comunidade na escrita e leitura, destacando o letramento de obras étnicas e raciais, individualmente ou em suas próprias casas, com a presença das mediadoras locais, jovens da comunidade com cursos na área da pedagogia.



Figura 5
Ações desenvolvidas pelo Escrelendo quilombola – sequências didáticas das ações do Escrelendo quilombola.
Créditos. Marco Antônio de Oliveira Tassarotto, 2022. Disponível em <http://escrelendo.blogspot.com/2021/05/escrelendo-continua-as-suas-atividades.html>

O projeto *Escrilendo*, apoiado inicialmente com recursos e suporte financeiro de italianas, recebeu apoio institucional do Ministério Público do Trabalho (2.^a Vara de Campina Grande), que em parceria com a organização não governamental Casa dos Sonhos encaminhou durante todo ano de 2020 e primeiro semestre de 2021 recursos necessários para os materiais escolares e cestas básicas destinadas às famílias das crianças/jovens participantes do projeto de letramento e do grupo de dança/percussão afro OloduMatão. No *Escrilendo*, as crianças e adolescentes da comunidade se tornaram responsáveis por mediar saberes e formas de prevenção da COVID-19 entre os membros da comunidade quilombola. As atividades vivenciadas com as crianças se encontram publicados e disponíveis no YouTube (Banal, 2020), material este, planejado pelas mediadoras e com a participação direta das crianças envolvidas.

Assim, graças à iniciativa do *Escrilendo*, houve a adoção de uma estratégia de combate à desinformação, por meio de processo educativo, contextualizado sobre a pandemia na comunidade quilombola. Importante dizermos que restou evidente a latência do “totem território quilombo”, que se revela em um dos trabalhos das mediadoras do projeto *Escrilendo* na comunidade do Matão. Em um dos vídeos publicados no YouTube (Banal, 2020), observamos o papel e o protagonismo das crianças que apresentam seus aprendizados e cuidados sobre os procedimentos de biossegurança com uso correto das máscaras e a higienização com o álcool em gel, quando nas imagens uma das crianças se apresenta realizando uma reverência ao “totem território quilombo”. A inferência dos “pés descalços” em contato com o solo físico da comunidade, à sombra do verde que a envolve, realiza esta conexão do cuidado sanitário com o respeito ao espaço da ancestralidade, do simbólico e das afetividades compartilhadas entre seus membros, em perfeita harmonia com a natureza (Figura 7).

A extração do vídeo publicado na rede de compartilhamento de vídeos do YouTube releva aquilo que Beatriz Corsino Perez (2020) trata como:

as experiências de infância e juventude se constituem a partir das relações que crianças e jovens estabelecem com o território, seus usos e apropriações,



Figura 6

Ações desenvolvidas pelo Escrilendo quilombola – sequências didáticas das ações do Escrilendo quilombola. *Créditos.* Marco Antônio de Oliveira Tessorotto, 2022. Disponível em <http://escrilendo.blogspot.com/2021/05/escrilendo-continua-as-suas-atividades.html>

e os modos de subjetivação diante dos conflitos vivenciados na comunidade. As crianças se apropriam do território através das brincadeiras coletivas realizadas ao ar livre, em que exploram os espaços, interagem com a terra, bichos, plantas e árvores. Para elas, estes elementos podem ser “enfeitiçados”, “assombrados” e guardar algo de “sagrado”. (p. 1)

Este “sagrado” permeado por segredos ancestrais encontra-se totalmente desconectado da ambiência digital e dos olhares curiosos dos pesquisadores/cientistas/público externo, pois observamos que “as relações que estabelecem entre si, numa perspectiva de valorização de seu modo de vida” (Perez, 2020, p. 11), próprias dos quilombolas que resistem contra os tempos de distopia social provocados pela pandemia (Figura 8, Figura 9, Figura 10).

A experiência da festa da consciência negra em seu recolhimento e na abertura (“pós-pandemia”) revelou dinâmicas próprias jamais experienciadas. Na Figura 10, os idosos participaram de representação, fazendo alusão ao trabalho penoso dos jovens quilombolas na construção civil nos grandes centros urbanos, sendo que, durante a pandemia, muitos destes desempregados foram assistidos pelos idosos com suas pensões/aposentadorias. Nas demais imagens (Figura 11, Figura 12 e Figura 13), observamos o protagonismo das crianças e dos jovens participantes do *Escrilendo* e do grupo de percussão e dança afro OloduMatão nas festividades do dia da consciência negra.

Ao avaliarmos as experiências vivenciadas pelos moradores da comunidade remanescente de quilombo do Matão, retomamos importantes considerações sobre o poder e mistério deste “totem território quilombo” que atravessa as disjunções dos tempos (antes, durante e “pós-pandemia”), que reorganizou as práticas sociais da comunidade (preparação coletiva das festividades) e retoma importantes questões sobre a solidariedade orgânica tão presente nestas comunidades tradicionais, independentemente do alinhamento político/ideológico/religioso de cada um/a da comunidade.



Figura 7
Latências e conexões com o totem território quilombo (Escrilendo).
Créditos. De 2020 06 01 Turma de Josefa - Escrilendo Matão (00:01:17), por A. Banal, 2020. Copyright 2020 de Marco Tessarotto.

Figura 8

Encontro geracional dos idosos com os jovens na comunidade.

Créditos. Marco Antônio de Oliveira Tessarotto.

**Figura 9**

A força da juventude nas dinâmicas sociais da comunidade.

Créditos. Marco Antônio de Oliveira Tessarotto.





Figura 10
As crianças e o futuro da festividade do Dia da Consciência Negra.
Créditos. Marco Antônio de Oliveira Tassarotto.

Considerações Finais

A circulação midiática acelerada pelo programa de inclusão digital do Governo Eletrônico de Serviços de Atendimento ao Cidadão imprimiu novos e outros tempos à comunidade quilombola, que passou a ser atravessada por um intenso trabalho de negociação para o reconhecimento do status de cidadania destas crianças e jovens quilombolas, dentro e fora da comunidade, onde observamos o meio Facebook atuando na condição de microcomunidade de sentidos.

Nesta intensa rede de negociação, podemos afirmar que o “totem território quilombo” atua fortalecendo este espaço de acolhida permanente. As crianças, ao atingirem a adolescência/juventude no projeto *Escrelendo*, passam a transmitir força simbólica capaz de transformar os movimentos e performances do grupo de dança e de percussão afro OloduMatão, que acolhe um ser revestido de suas identidades, destas sabedorias vivenciadas e partilhadas no espaço mundo da comunidade, que transborda em sentidos revelados nas festividades do dia da consciência negra.

Vislumbra-se que, mesmo diante das condições externas, dos cenários de distopias, a comunidade quilombola do Matão continuará resistindo e seguindo adiante, mediada pelo “mistério” energético deste festejar, brincar quilombola.

Agradecimentos

Agradecimentos à Comunidade Quilombola do Matão pelos sinais de resistência

contra os tempos distópicos. Os elogios se estendem às ações do Projeto Escrilando Quilombola e pelos grupos de dança e de percussão nas comunidades quilombolas do Matão e do Matias pela beleza, alegria e no agir sensível dos seus jovens sonhadores que portam consigo a responsabilidade de uma história rica marcada por resistências e formas de existir no mundo.

Referências

- Banal, A. (2020, 2 de junho). *2020 06 01 Turma de Josefa - Escrilando Matão* [Vídeo]. YouTube. <https://youtu.be/Jn9Cl0e5gow>
- Bargas, J., & Cal, D. (2020). Luta por reconhecimento, identidades e relações de poder: As mulheres no movimento quilombola. *Revista Observatório*, 4(6), 475-505. <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n6p475>
- Batista, M., & Souza, V. E. (2013). História e memória no Quilombo do Matão - PB. In *XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social* (pp. 1-17). http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364757698_ARQUIVO_memoriaehistoriaemmatao_vanessaesouza.pdf
- Batista, M., & Souza, V. E. (2018). Os "Rufinos" de Matão (PB): Uma discussão sobre trabalho, migração e a condição quilombola. *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, 49(3), 361-397. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6699001.pdf>
- Braga, J. L., Calazans, R., Rabelo, L., Machado, M., Zucola, R., Benevides, P., Xavier, M., Casali, C., Melo, P., Medeiros, L., Klein, E., & Pares, A. (2017). *Matrizes interacionais: A comunicação constrói a sociedade*. EDUEPB.
- Fausto Neto, A., & Sgorla, F. (2014). Zona em construção: Acesso e mobilidade da recepção na ambiência jornalística. *Lumina*, 7(1), 1-16. <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2013.v7.20913>
- Ferreira, J. (2016). A construção de casos sobre a midiaticização e a circulação como objetos de pesquisa: Das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens. *Galáxia*, (33), 199-213. <https://doi.org/10.1590/1982-25542016224292>
- Ferreira, J. (2021, 24 de outubro). *Jornadas Capes/Stint IV - O meio lógico das lógicas em concertos e desconcertos - Jairo Ferreira* [Comunicação]. IV Jornada Capes-Stint. <https://youtu.be/IKxwmrTUEhA>
- Perez, B. C. (2020). Entre cercas, brincadeiras e feitiços: Os conflitos e apropriações do território por crianças e jovens quilombolas. *Childhood & Philosophy*, 16, 1-27. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2020.48351>
- Resende, F., Robalino, R., & Amaral, D. G. (2019). Quando a imagem é corpo: Modos de sobreviver à máquina colonial. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, 16(47), 480-500. <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/2107>
- Rosa, A. P. (2016). Imagens em proliferação: A circulação como espaço de valor. In *Anais do V Colóquio Semiótica das Mídias* (pp. 1-14). Centro Internacional de Semiótica e Comunicação - CISECO. http://www.ciseco.org.br/images/coloquio/csm5/CSM5_AnaPaulaRosa.pdf
- Teisserenc, P., & Teisserenc, M. (2018). Mobilização, conflitos e reconhecimento do território: Comunidades quilombolas na Ilha do Marajó, Brasil. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (115), 51-74. <https://doi.org/10.4000/rccs.6968>
- Tessarotto, M. (2021). *Na dinâmica do Facebook: Experimentações, usos e apropriações por jovens quilombolas do Matão* [Tese de doutoramento, Universidade Vale do Rio dos Sinos]. Repositório Digital da Biblioteca da Unisinos. <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9717>